

De um diário velho, preambular de outro

por JOÃO FALCO

A Má acha de mau gosto (coltada, tanto não disse, mas deixou perceber) que eu me deprimia e me mostre desanimada em frente dos estranhos. E citou-me o comentário dubitativo de uma sua amiga. Grosseiro e simples, no fim de contas, não malévolo.

A Má terá razão. E' estúpida toda a franqueza que não possa ser apreciada. E até ridícula. Mais reserva, pois? Reserva sobre as próprias coisas de carácter intelectual?

E, no entanto, é bem cômoda a atitude de se julgar à vontade. Julgarmos disto ou daquilo e depois sairmo-nos com uma conclusão brutal a nosso respeito. Uma conclusão que pareça mesmo forçada, não deixando para nós de ser absolutamente justa...

Mas não devemos scandalizar os outros, nem tornarmos-nos centro de dúvidas e de comentários, dizem. A Má, como é nova, receia o meu descrédito, as baixas famas. Mas eu digo-lhe, com alguma cautela para a não alvoroçar nem maguar, que nada disso tem importância! que todo o crédito é falível, alterável e, em resumo, estéril.

Já tenho dado a entender à Má, minha livre e simpática pupila, que a feição mais característica do meu espírito não é a pedagógica. Que tanto me enfada a gritaria continua e abusiva de uma dona de casa, tipo português, como a subreptícia e férrea moral de um calvinista. A falar a verdade não é a moral em si que me desinteressa, é o seu catecismo, as suas violências exteriores.

Lemos juntas um artigo do Essor e por êle me expliquei melhor. Interessa-me mais o conhecimento e o conceito que a prova—a pedagogia e as normas. Onde o artigo começou a abusar dos critérios e a talhar dêles carapuçinhas del-o por terminado.

Gide, formalmente tão sêco, mas tão fino personalista, sabe ter mau gosto, também...

Não é insuficiente e de mau gosto comparar o povo a uma triste mulher de circo rudemente apertada e descarnada, fazendo gestos violentos de libertação perante a multidão interessada?

Primeiro achei esta imagem

à *point*, dolorosa e feliz. Depois, pouco a pouco, fui-a acaunando iraca e ingenua. Foi ser uma imagem de dor que me impressionou, e o que a ela me foi desencantando foi o seu estreito materialismo. E' uma pobre imagem de povo! Formar uma ideia de povo, uma tão grande e confusa abstracção, por aquela única e romântica figura, tão banal e batida? Os artistas são essencialmente imagistas e até ideologas, mas nada nos obriga a sua dependência. A escravidão voluntária é idiota.

Em suma, que é a imagem? Um processo, um material. Serve-lhes, serve-nos. Durante muito, durante pouco tempo? *Cela dépend*. Mas a imagem não constitui a arte! Podemos se quisermos imaginar uma arte sem imagens, directa, isenta de comparações. Uma arte restrita e de substância, não de rodeios. Mas em todo o caso a imagem, graça do discurso, pode ser sempre regeitada após o seu breve serviço, a sua actualidade.

Almocei, é uma hora, cai uma chuva brutal. Chove em todas as direcções, sem beleza, com violência. Olho para a chuva, de pé, ao pé de uma janela, e acho que tudo, tudo entretem o espirito... Vejo chover, a cidade a escurecer, velar-se o rio, lembro-me de gente desagradável e mentalmente falo.

Ontem, por exemplo, tão contrariada, sentada ao pé da minha cama, não tentava pôr em teoria o valor dos gestos? Era uma distracção, bem sei, mas um exercício do espirito. Marcava o ritmo dos vãos das gaiotas, pensava como aquilo podia ser dado humanamente, para que nos serviria...

Pus aqui as flores, que fui tirar da chuva.

O vento deu-me um sobresalto.

As portas fechadas tremem. Lá para dentro está uma janela aberta, deve chover dentro de casa.

Levantei-me e fui fechá-la. Mas estou sempre cansada.

Para me dispor para escrever pegu num livro. Abro-o no meio. São as *Pages choisies* de Vinet.

Vinet, tão caro à Nell! Leio-o, como se o não lesse. Não me é caro a mim, não me penetra. Uma casuística cer-

rada: o bem, Deus; o bem, Deus... Uma insuportável rigidez e uma simplicidade! Não me é simpático. Lemoramente vagamente o meu tempo de ir a igreja de S. Nicolau com a marmãna, o hábito de ouvir missa.

Do meu cansaço e do meu esgotamento de hoje não podia ralar Vinet! Não sabia. Nunca poderia encontrar-se com eles, nem deixá-los.

Leio Vinet de-vagar e ausente do seu espirito, mas pouco a pouco sinto-me invadir de tranquilidade.

O fundo dos seus escritos é a repetição, as imagens ingenuas e graves, e uma lógica toda formal. Para ele tudo é... assim... tudo deve ser... assim... êle assim o compreendeu, sentiu, reconheceu...

Mas dominou-me a igualdade e a serenidade do seu discurso. Uma moda de escrever pausada e fluente, quasi sem cansaço; um movimento de espirito reflectido, convulso, calmo.

Se eu me pudesse livrar deste cansaço!

Fui lá acima fechar a porta do terraço, que batia há que tempos.

Que claridade! A água estava cheia de malhas de luz. Belezas de quando chove.

Cá em baixo ocorreu-me: se eu escrevesse para outros, se eu fôsse jornalista, novelista, etc., tinha de renegar deste estilo...

Boa, a liberdade!

Bateu à porta um rapaz dos seus vinte anos. Mal lhe olho para a cara, mas oiço-o. Com palavras atenciosas e uma grande inclinação de corpo expõe-me a sua situação... está desempregado, etc. Vejo que está bem penteado. Por fim, com gestos tímidos oferece-me elástico e alfinetes. Mal empregados merecimentos! penso, ouvindo-o com impaciência.

Cansada, tão cansada, porquê? Irresistência já?

Mas Vinet, a quem volto, diz da morte: *Ce grand mystère, avec cet appareil sinistre*.

Por estas palavras, que já não são muito do nosso tempo, não se vê morrer, agonisar? Sofrer e deixar a vida contra vontade?

A chuva! Sempre a chuva... Uma carroça, as patas de um cavalo... O som de uns tamancos... tudo destes dias.

Sosinha, à noite, lembrei-me das festas a que nunca

fui, dos lugares onde nunca vou. De colóquios elegantes, amáveis. Desejos ridículos, talvez. Fantasias dos isolados.

O acanhamento da Deo é pretensioso. Mas devo-lhe favores. Chega à tarde ou à noite, sempre com um pouco de reserva, de misterio, mas solicita. Noto nela uma grande vontade de ser prestável, retributiva... Tem o medo dos seres simples de não ser bem apreciada. E' ambiciosa sem ser desabusada, é silenciosa e sacudida, é cheia de contrastes aparentes. E nas suas conversas oferece-me o seu pequeno mundo, como a Celest. me oferecia o dela. O da Celest. tinha as suas novidades e graças, a Celest. era engraçada! A Deo não; é sombria, desconfiada, tímida. O carácter de uma esclarece-me o da outra.

Ainda agora tomámos chá. As cerimónias ligeiras que eu me via obrigada a ter com ela pareciam-me ridículas. Não me pesavam, mas excediam o familiar... No entanto é o único meio ao meu alcance de lhe pagar as suas solicitações. Chego, e se ela está, há uns passos amáveis, um modo obsequioso e lesto que me convidam a descansar e a sorrir. Como ser-lhes indifferente?

Com palavras encobertas faço entender a êstes meus parentes pobres que folgo com a inteligência dos seus filhos, mas que os não posso tirar da sua pobreza, que os não posso encarregar para vidas mais largas. Eles ouvem-me, coitados! e não sei se me crêm. Não me pedem nada, vieram visitar-me. Passaram o Natal comigo, sentaram-se à minha mesa, deitaram-se numa das minhas camas e eu própria os servi, como era natural. Mas nesta casa, *que não é nada lá como as nossas*, dizem êles com humildade quando me convidam para ir conhecer os seus outros filhos, nesta casa que tem certo ar curioso, êles sonham inocentemente com melhores destinos...

Eu dou-lhes a entender, mal, com certeza, que também sou pobre. Mas com vergonha sincera de não poder acudir às suas necessidades, de os não poder ajudar a criar e a educar os filhos. Tenho uma pena viva, que não

(Continua na página catorze)